

Sinto Falta

Luiz Otávio Dobal

Ando sentindo falta de muitas coisas. Talvez seja a idade, esse tempo que parece correr como louco, ou talvez uma melancolia que antes vinha e logo partia, mas agora insiste em ficar cada vez mais, como querendo morar em meu peito.

Sinto falta de chuva no telhado, de cheiro de terra molhada. Vivo em apartamento e a chuva é quase sempre um transtorno para o ir e vir. Não encontro telhados ao olhar de minha janela. No centro de minha melancolia, chego a crer que não mais existem telhados molhados. Talvez nem mesmo exista a chuva, na concepção de minhas lembranças. Talvez dias chuvosos sejam apenas águas que arrastam a vida misturada em entulhos pelas ruas, levando estórias e lembranças para o enorme lixão do esquecimento.

Sinto falta de adquirir conhecimentos, da minha mãe me ensinado coisas. Tenho sido invadido por um turbilhão de informações sem que consiga aprender nada de novo. Aprendizado tem a ver com emoção, tem a ver com descobrimento. Tanta informação e nunca me emociono, nunca descubro nada, nem mesmo um modo de afastar esse sentimento de falta que sinto. Um amontoado de notícias sem fim que faz aumentar essa ansiedade que tenho de viver, essa necessidade de me empanturrar de momentos, que me faz sentir tanta falta de algo que ainda não tive. Queria ver o sorriso de minha mãe, mesmo que fosse num outdoor de uma propaganda qualquer, demonstrando a alegria de ter me ensinado algo. Queria vê-la sorrindo novamente diante da metralhadora de porquês que eu na minha sede de saber a atingia, transformando uma simples infância num mundo de sensações e prazeres. Queria ter a sensação de poder invadindo meu peito pelo simples fato de ter aprendido algo. Minha mãe ainda está aqui e tenho certeza que ficaria feliz em me ensinar algo, eu sei que ela, ainda tem muito a me ensinar. Não é ela, sou eu, e essa impossibilidade de voltar a ser ingênuo o suficiente para pedir seus conhecimentos, essa sensação idiota de que jamais serei outra vez um menino capaz de aprender com o jeito simples e direto de ensinar da minha mãe. É essa enorme falta que sinto de ser novamente quem eu fui. Ninguém volta ao passado, podemos apenas viver o presente, caminhar para o futuro e sentir falta de sentimentos deixados para trás. Mesmo e principalmente sabendo disto, sinto falta.

Sinto falta de sorrisos, de uma boa gargalhada. Nunca gostei muito de circo, mas sinto falta dos sorrisos permanentes desenhados nas bocas dos palhaços, da alegria ingênua e infantil do velho Carequinha, de anões maquiados e ridiculamente vestidos rolando pelo picadeiro as gargalhadas. Sinto falta de cócegas na barriga, embaixo dos braços, provocando um riso franco, descontraído, informal, cúmplice. Um riso sem prozac, sem alucinógenos, sem álcool. Queria rir de mim mesmo sem que isso me provocasse lágrimas, sem que o motivo do riso provocasse humilhação. Queria o riso depois de um gol no campinho dos terrenos baldios da minha infância, queria a risada depois do mergulho ridículo nas praias do meu passado, queria a gargalhada com a boca cheia de pipoca das matinês do cine Nanci. Queria rir e sentir o contentamento provocado pelas lembranças, mostrando os dentes e uma vida inteira de alegrias, sintetizadas num sorriso.

Sinto falta de espaço, de lugares para estar. Sinto falta de imensidão. Tudo ficou tão pequeno e apertado, tão conhecido, tão ridiculamente óbvio, tão “informaticamente” perto. Queria de volta a sensação que andar de bicicleta até o distante campinho três ruas depois da minha, me dava. Aquela coisa de explorar lugares desconhecidos, ruas recém descobertas, caminhos que se perdiam nos meus sonhos de menino. Sinto falta do céu abarrotado de estrelas que pareciam atravessar com suas luzes meu pequeno corpo esticado sobre a relva, numa distante noite de verão onde as horas deslizavam lentamente entre os dias, simplesmente porque havia espaço, havia tempo de sobra e eu não sentia falta de nada.

Sinto falta da cozinha lá de casa. Sinto falta da comida, dos sabores, das conversas, dos cheiros. Café, pão, temperos, milho, mingau, macarrão, leite, queijo, goiabada... Sinto falta de família, de gente entrando e saindo. Sinto falta de vozes. Tenho andado tão calado que às vezes sinto-me incapaz de falar comigo mesmo; com os outros deixei de falar faz tempo. Os dias passaram e eu deixei de reconhecer as pessoas, são todos estranhos, estão todos distantes; perdidos na velha cozinha que hoje não é mais que ruínas de minhas lembranças. Escombros de um tempo em que pessoas que se amavam, sentavam ao redor de uma mesa de fórmica barata e riam, e riam, e riam.

Sinto falta de beijo, de beijar e ser beijado; de tudo que representa esse contato. Do beijo apaixonado, na boca, com línguas se enfrentando e transmitindo desejo. Do doce beijo na mão, pedindo proteção - *a benção mãe* – e transmitindo respeito.

Ah! Dor intensa que me faz sentir falta de mim mesmo, deixa minha vida renascer, afasta a sombra desse inverno de lembranças, de passado, de gente que já se foi. Preenche minha existência com uma nova estória, tão nova e tão completa que não haja espaço para que eu sinta falta de nada. Nem mesmo de uma outra vida que perdi.